

## O USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Douglas Alves dos Santos  
Alex das Chagas Rosa  
Aísha Kaderrah Dantas Melo<sup>1</sup>

### RESUMO:

O uso das tecnologias na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Brasil, é ainda um assunto pouco abordado nos campos teóricos educacionais. O ponto de vista em que o artigo está situado parte de um olhar panorâmico sobre a realidade educacional brasileira, mais especificamente sobre o processo de inclusão digital entre os jovens e adultos. Nosso objetivo, neste estudo, é o de descrever um relato de experiência sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), numa escola da rede estadual de Aracaju/SE, a respeito do uso das tecnologias em sala de aula como suporte pedagógico ao docente para o combate ao analfabetismo, incluindo também o analfabetismo digital. Pretendemos, com isso, situar a problemática no cenário nacional e propor a construção de ideias que venham a repensar as políticas educacionais para a área, estabelecendo que em nossa atual sociedade o processo de inclusão social integra também a inclusão digital, e esta é, hoje, condição essencial para a inserção no mercado de trabalho e nas relações sociais. Através da descrição da experiência vivenciada pelos autores, analisa-se o uso (ou não uso) dos recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas observadas e reflete-se sobre a realidade contemporânea da Educação brasileira, demonstrando seu descaso com a EJA. Destacamos que a pesquisa se caracteriza como uma pesquisa etnográfica – por apreender o significado do grupo estudado com relação à temática – e qualitativa – evidenciando o diálogo entre os pesquisadores e investigados, durante o estudo de caso. Com relação aos nossos principais resultados, elucidamos a precariedade das escolas, o descaso com o ensino de jovens e adultos (ainda que haja experiências significativas e prósperas quanto à mesma) e a falta de preparo dos docentes para o uso das tecnologias em Educação como recurso didático e pedagógico. Percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, longe de um lugar privilegiado nas pautas em discussão de nossos políticos, segue como a maioria das problemáticas educacionais brasileiras: dissonantes entre os discursos políticos e suas reais necessidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias; Educação de Jovens e Adultos; Sociedade.

### ABSTRACT:

The use of technology in the education of adult and young people (EJA) is still a subject rarely addressed in the theoretical fields of Education in Brazil. This article assumes a panoramic vision of the Brazilian Education, more specifically about the process of digital inclusion among adults and young people. Our goal in this study is to describe an

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [aisha\\_kaderrah@hotmail.com](mailto:aisha_kaderrah@hotmail.com)

experience on a class of adults and young people in a public school in Aracaju/ SE, emphasizing the use of technology in the classroom as a pedagogic support so teachers can combat illiteracy, including digital illiteracy. We intend, therefore, to place the issue on the national scene and propose the construction of ideas that come to rethink the educational policies for this area, realizing that in our present society the social inclusion process also includes digital inclusion, and this is now an essential condition for entering the labor market and the social relations. Through the description of an experience, the use (or nonuse) of technological resources in teaching practices was analyzed, and we observed that it reflected the contemporary reality of Brazilian education, demonstrating the neglect present in the education of adult and young people. We emphasize that the research is characterized as an ethnographic research – to grasp the significance of the studied group about the subject – and qualitative – showing the dialogue between the researchers and the investigated people. About our main results, we elucidate the bad conditions of the schools, the neglect of teaching adults and young people (although there are significant and successful experiences as the same), and lack of preparation of teacher for using technology in education as a didactic and pedagogical resource. It is noticed that the Education of adults and young people in Brazil, far from having a privileged place in the agendas for discussion of our politicians, it continues like most Brazilian educational problem: dissonant between political discourse and its real needs.

**KEYWORDS:** Technologies; Youth and Adults Education; Society.

## INTRODUÇÃO

O uso das tecnologias na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Brasil, é ainda um assunto pouco abordado nos campos teóricos educacionais. Quando se pensa em EJA, o que mais surge no que diz respeito à pesquisa científica na área é a sua implementação (sua história) e sua função (suas especificidades).

Quando relacionada aos debates acadêmicos, o destaque recai sobre os problemas do analfabetismo, pensando sobre os processos do ensino de jovens e adultos que contribuem para a erradicação de problema educacional. Entretanto, pouco se ouve falar sobre a erradicação do “analfabetismo digital” desse grupo específico.

O ponto de vista em que o artigo está situado parte de um olhar panorâmico sobre a realidade educacional brasileira, mais especificamente sobre o processo de inclusão digital entre jovens e adultos. Para tanto, abordamos a temática através de autores contemporâneos que vêm contribuindo para a discussão social da mesma, como: Di Pierro (2001; 2008; 2010), Joia e Ribeiro (2001), Oliveira (2007) e Naiff e Naiff (2008).

A temática e o conseqüente estudo de caso surgiram a partir das discussões da disciplina “Educação de Adultos”, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de

Sergipe, ministrada pela Profa. Dra. Marizete Lucini. Depois de uma observação realizada numa escola da rede estadual, foi definido que seria tratado do uso das tecnologias na Educação de Jovens e Adultos em um trabalho posterior.

Nosso objetivo com este trabalho é situar a problemática no cenário nacional e propor a construção de ideias que venham a repensar as políticas educacionais para a área, estabelecendo que em nossa atual sociedade o processo de inclusão social integra também a inclusão digital, e esta é, hoje, condição essencial para a inserção no mercado de trabalho e nas relações sociais.

### **O uso das tecnologias na educação de jovens e adultos**

No Brasil, o uso das tecnologias pelo professor durante sua prática pedagógica, ainda é algo relativamente “novo” se compararmos as práticas docentes em relação aos recursos disponíveis. Podemos observar que mesmo tendo o acesso e a possibilidade de utilizar os novos instrumentos científico-tecnológicos que abrangem o campo da Educação, é possível encontrar práticas pedagógicas pautadas numa forte resistência à inovação técnica em sala de aula.

Durante a disciplina “Educação de Adultos”, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ministrada pela professora Dra. Marizete Lucini, pudemos fazer uma pesquisa de campo numa escola da rede estadual do município de Aracaju/SE. A pesquisa tinha como objetivo observar as práticas pedagógicas vigentes e a realidade dos sujeitos – através de entrevista – que compunham as turmas observadas.

Ao fazermos a observação, pudemos constatar algumas das questões estudadas e debatidas em sala de aula com a professora. Foi possível notar a presença de cenas já “comuns” na realidade da escola pública brasileira, como a falta de funcionários, a não existência de uma biblioteca adequada e acessível aos estudantes, a desmotivação de professores e alunos, a precariedade da instituição de ensino e demais dificuldades presentes não apenas no ensino de jovens e adultos, mas como em qualquer outro nível.

Em contrapartida, observamos também o quanto alguns professores tentam, mesmo sem os devidos recursos ou com o pouco incentivo político e pedagógico – seja da instituição ou do estado – fazer uma prática pedagógica significativa com os sujeitos envolvidos. Além disto, vimos também o esforço dos poucos funcionários da escola para mantê-la “agradável” aos estudantes e a motivação de alguns professores e de muitos



alunos.

Diante dessa situação, atentamos à demanda da Educação de Jovens e Adultos e da educação brasileira pública em todos os níveis de ensino, concordando com que Pierro, Joia e Ribeiro (2001) que esclarecem que as demandas dessa educação são extensas e complexas, tendo no seu interior uma gama de diversidades.

Uma dessas complexidades, no que diz respeito à educação nos dias atuais, é a superação do analfabetismo digital. A escola tem, por objetivo, preparar seus “clientes” para a vida, dando os mínimos conhecimentos aos estudantes visando o mercado de trabalho; e hoje, em nossa sociedade, seja um pequeno comércio ou uma grande empresa, o uso do recurso digital é incontestável.

Entretanto, devemos salientar que as escolas públicas brasileiras, em sua maioria, ainda enfrentam muitos problemas e desafios, pois é evidente a disparidade social, que se reflete também no acesso e uso das tecnologias – principalmente das novas tecnologias. Um problema que não é novo e que à sociedade brasileira ainda parece estar distante de uma solução rápida.

Outro fator que gostaríamos de registrar, refere-se ao fato de não cairmos numa ideia que virou moda no senso comum: a de que os recursos tecnológicos, por eles mesmos, são capazes de formar o indivíduo e prepará-lo devidamente às atividades que deverá cumprir no trabalho e em outros ambientes. Sabemos que essa formação passa pelas mãos de um ser humano. É ele, e não a máquina, que devem estar no centro do processo, pois ao contrário, estaríamos promovendo as máquinas a uma função absoluta, destituindo o homem de suas obrigações e responsabilidades.

Em relação a isso, vemos com olhos críticos a evolução técnica e científica, que introduz um novo tipo de excedente no mercado de trabalho: o homem outrora formado e considerado preparado para atuar numa das funções mais complexas da sociedade contemporânea.

Destacando o que citou Paulo Freire (2005, p. 19): “A história é tempo de possibilidades e não de determinismos”. Com isso, pretendemos refletir sobre essa condição de acesso à realidade que alcança os estudantes em sua vida fora da escola e que, dentro dela, parece limitá-los.

Levando em consideração que a história, como posta na citação de Freire, é um tempo possibilidades, podemos destacar algumas das possibilidades presentes no processo de Educação de Jovens e Adultos, dentre os quais o uso das tecnologias na relação ensino-





aprendizagem.

Para tanto, debatemos sobre aspectos não somente estruturais e organizacionais desse processo, mas, sobretudo discutimos também os aspectos políticos e sociais, que influenciam de forma bastante clara e profunda as possibilidades e perspectivas dessa área nas relações educacionais, profissionais e humanas.

Di Pierro (2008, p. 379) estabelece que a partir dos anos 1990, na América Latina, foram priorizados “atenção e recursos na escolarização elementar de crianças e adolescentes”, colocando a educação de jovens e adultos num patamar secundário, “numa posição marginal no discurso pedagógico e na agenda das políticas públicas” (ibidem).

Essa posição dirigida à EJA acentuou seus problemas e possibilitou um olhar político anacrônico quanto à mesma. Principalmente quando analisamos sua promulgação na atual sociedade da informação e da comunicação, em que as novas tecnologias invadiram todos os espaços sociais e hoje determinam boa parte das demandas do mercado de trabalho.

Os principais usuários dessa modalidade de ensino são jovens e adultos da classe popular, que não tiveram a oportunidade de permanecer no ensino regular em seu devido tempo ou que nem chegaram a tanto, devido às demandas de sua própria vida – escolher entre o trabalho e a escola; entre a sobrevivência e o conhecimento. São sujeitos que depois de muito tempo voltam a estudar pensando em adquirir aquilo que não tiveram; que abandonaram ou, em certos casos, somente conseguiram um diploma visando conseguir um emprego melhor – ou, simplesmente, um emprego.

Quando se utiliza das tecnologias na educação, se constrói um processo de inclusão social, em especial se tal medida é adotada nas escolas públicas, em que muitos estudantes, mesmo tendo o conhecimento sobre o assunto, não têm o acesso ao mesmo. Essa “inclusão digital” é relevante ao processo democrático do ensino brasileiro.

No que tange a Educação de Jovens e Adultos, cabe reforçar a relevância do uso desses instrumentos enquanto prática pedagógica. Eles auxiliam o professor no decorrer de suas aulas e possibilitam um estímulo a mais aos estudantes para que queiram “buscar” o conhecimento. Sua função ainda tem um fator primordial aos dias atuais, que diz respeito à formação política dos jovens e adultos que estão no processo de aprendizagem.

Inserindo-se no campo das tecnologias, como o uso do computador e da internet, por exemplo, o aluno tem a possibilidade de elevar seu potencial humano e político, ao debater com diversos sujeitos sobre temas comuns ao redor do mundo. O acesso permite a



chance do conhecimento; o conhecimento permite a busca pela mudança.

[...] a educação de jovens e adultos é convidada a reavaliar sua identidade e tradição, reelaborando os objetivos e conteúdos de formação política para a cidadania democrática [...]. É nesta sugestiva direção de formação política para a cidadania democrática que parece fecundo caminhar na reelaboração de currículos de educação de pessoas jovens e adultas (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 74).

Entretanto, o que vemos em torno desse ideal político-pedagógico parece estar distante de uma concretude social. Tendo uma educação sucateada e marginalizada, os jovens e adultos sofrem com um ensino precário e desestimulante, assim como a grande maioria dos estudantes das redes públicas (e privadas) de ensino.

Na sociedade da informação e comunicação, a informação ainda é passada de uma maneira peculiar aos integrantes do ensino de jovens e adultos e a comunicação não busca uma relação horizontal entre seus sujeitos, assumindo uma postura hierarquizada e vertical. Isso resulta num processo educacional reducionista e socialmente degradante.

Deixamos como reflexão, nossa preocupação para com a Educação de Jovens e Adultos nos atuais parâmetros estabelecidos, principalmente no que tange ao trabalho com as novas tecnologias. Este é, para nós, tema de profunda complexidade e que merece ser compreendida em todo seu processo.

### **Alguns dados e o método de pesquisa**

Levando em consideração as observações feitas durante as visitas à escola, foi possível detectar elementos de reflexão ao que concerne à Educação de Jovens e Adultos. Partindo de uma metodologia que utiliza de vários instrumentos para obtenção de dados (como diário de campo, gravadores e fotografias), utilizamos o método do “balanço do saber” ou “escritos do saber”, proposto por Charlort (2005), em que os indivíduos usam de expressões livres para demonstrar o sentido de suas falas.

Destacamos que a pesquisa se caracteriza como uma pesquisa etnográfica – por apreender o significado do grupo estudado com relação à temática – e qualitativa – evidenciando o diálogo entre os pesquisadores e investigados, durante o estudo de caso.

Trazemos, primeiramente, alguns dados sobre os professores. Na escola em que a

pesquisa foi realizada, havia cinco turmas da Educação de Jovens e Adultos. A média de alunos matriculados era de 20 por turma, sendo que efetivamente, aparecia uma média de 12 a 15. Os professores, quando estavam presentes, diziam que isto era muito comum, que ao decorrer do curso, muitos alunos não conseguiam acompanhar e acabavam desistindo.

Entrevistando os professores, percebemos a realidade em que os mesmos se encontram<sup>2</sup>. Dos cinco professores, três eram formados por uma universidade pública e dois por uma faculdade particular. Apenas um morava nas proximidades da escola. Todos disseram não ter realizado nenhum curso específico para ensinar esses alunos. Três não queriam ensinar essa modalidade de ensino. Todos concordavam que o descaso era crescente com a Educação de Jovens e Adultos na escola em que atuavam. Somente dois disseram ter competência para ensinar as “novas tecnologias” aos alunos. Os cinco entrevistados relataram não utilizar nenhuma tecnologia digital em suas aulas devido ou ao não conhecimento de como utilizá-las, ou simplesmente porque a escola não possui nenhum espaço apropriado para esse fim.

De fato, a escola não possui espaços como sala de vídeo ou sala de informática. Isso gera um desestímulo ao professor que deseja utilizar de tais recursos (mesmo que não o impeça) e gera um conformismo aos que não pretendem utilizá-lo (“não tem espaço, como vou usar”, “se tivesse o espaço e os aparelhos adequados, eu usaria”). Alguns professores determinam que “tecnologias da educação” são os computadores e a internet, e esquecem que a televisão, o datashow, o DVD, o aparelho de som, os celulares e até mesmo o giz e o quadro negro que geralmente usam, são tecnologias – algumas próprias ao ensino.

Ao colocar a culpa pelo não uso de determinadas tecnologias, o professor abre mão de um importante recurso de interação e tomada de consciência aos seus alunos. A televisão, por exemplo, mesmo que não tenha uma sala específica, pode ser utilizada na própria sala de aula, e com a junção do aparelho de DVD, o professor pode apresentar aos estudantes filmes que possibilitem um diálogo com sua realidade<sup>3</sup>, sempre discutindo posteriormente com os alunos após a sua utilização.

Todavia, o uso inequívoco de tais instrumentos tecnológicos só abrande a falta de

---

<sup>2</sup> O nome dos sujeitos envolvidos, tanto dos professores quanto dos alunos, assim como o nome da instituição, foi preservado, devido uma questão de ética pedagógica por parte dos pesquisadores, já que tantos os envolvidos na observação e entrevistas, pediram o sigilo de seus nomes.

<sup>3</sup> Destacamos aqui a forte presença do cinema nacional no atual cenário contemporâneo, estabelecendo o quanto esse recurso pode ser utilizado pelo professor em suas aulas.



criatividade e de comprometimento do professor quanto à sua responsabilidade social perante a turma. O fato de passar um filme que mostre pessoas na mesma situação socioeconômica ou em diferentes situações materiais, pouco acrescenta na formação da personalidade e da consciência do indivíduo se não for devidamente debatido e contextualizado.

Apresentamos a seguir alguns dados sobre os alunos entrevistados durante as observações. A média de idade dos alunos foi composta entre 25 e 30 anos, sendo o mais novo com 14 e o mais velho com 47 anos.

Durante a entrevista com os alunos, ouvimos relatos de casos que contemplam a literatura nacional sobre a Educação de Jovens e Adultos. Havia estudantes que estavam ali porque não aguentavam mais a vida que tinham, queriam melhorar de vida, elevar seu grau de conhecimento para, em consequência, elevar sua condição material. Da mesma forma, outros estavam ali porque não tinham o diploma e precisavam deste para não perder ou para conseguir um emprego. Dos dez alunos entrevistados, sete disseram ter conhecimento e acesso à tecnologia digital<sup>4</sup>. Quatro disseram ter computador com internet em casa. Todos disseram que gostariam que a escola possibilita-se o acesso a esses meios. Oito disseram não gostar da forma como a professora ensinava, tratando-os em muitos casos como crianças. Oito disseram ter se arrependido de ter deixado a escola da primeira vez (mesmo não tendo outra possibilidade).

Se a escola não possibilita o uso e ensino das tecnologias digitais em sala de aula, não é por isso que os alunos permanecerão indiferentes a elas, já que ao atravessar o portão da escola muitos deles têm acesso a esses recursos, sejam em espaços específicos (como lan houses e cybercafés) ou em sua própria casa ou no espaço de trabalho.

Os jovens de classes populares informam que têm acesso à internet em casa de amigos, na escola, no trabalho e em espaços como os cybercafés e quiosques de acesso pago (as chamadas *lanhouses*), hoje muito mais disseminados nas comunidades de baixa renda do que nas áreas mais privilegiadas das cidades. (MAMEDE-NEVES; DUARTE, 2008. p. 779).

Os jovens e adultos não vivem na mesma situação estagnada da escola que frequentam. Na sociedade, eles têm acesso a muitos conhecimentos, muito devido às tecnologias que têm à disposição. A escola torna-se, assim, um lugar menos “prazeroso”,

---

<sup>4</sup> Computadores, internet, celulares, entre outros.



por não possibilitar os mesmos limites (sem limites) que a atual sociedade permite.

Isso nos leva a discutir e repensar o constante descaso com a educação pública em nosso país, a sua manutenção e os seus fins. Se a educação de jovens e adultos tem como objetivo preparar para a cidadania e também qualificar ao mercado de trabalho, é imprescindível ter o acesso às tecnologias que compõem esse mercado de trabalho.

Algumas coisas são constantes nas falas dos alunos e representam também as discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos. Eles creditam à educação, à escola, uma possível elevação do padrão de vida. Creem que estão na atual situação que se encontram por não ter continuado os estudos, não analisam criticamente a sociedade em que vivem e nem contextualizam a realidade de seus pronunciamentos.

Professoras e os professores, sem uma devida preparação para ensinar esses sujeitos, acabam por tratá-los da mesma maneira que tratam as crianças e jovens que cumprem os turnos regulares de ensino. Oliveira (2007, p. 88), diz que este “é, possivelmente, um dos principais problemas que se apresentam ao trabalho na EJA”.

Ao se trabalhar com adultos e jovens (jovens adultos, adultos precoces, em sua maioria), os professores precisam levar em consideração que a realidade não é a mesma, que muitos ali estão frequentando uma sala de aula pela segunda vez e que não vão ser estimulados a aprender com as mesmas técnicas utilizadas em outras turmas.

Naiff e Naiff (2008) consideram relevante repensar o papel da Educação de Jovens e Adultos em nossa sociedade. “Qual não seria a satisfação de uma escola para jovens e adultos que conseguisse o desafio de reverter a defasagem escolar de seus alunos e oferecer-lhes uma oportunidade de estar na sociedade de um outro modo?” (NAIFF e NAIFF, 2008, p. 406). Os autores ainda reafirmam a concepção do estado em relação à mudança qualitativa de vida: “Em nossa sociedade, estudar corresponde, em grande escala, a ascender social e financeiramente, na medida em que geralmente permite melhor colocação no mercado de trabalho.” (p. 405-406).

Diante dos resultados obtidos durante as observações realizadas e a análise das entrevistas em consonância com a literatura estudada, percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, longe de um lugar privilegiado nas pautas políticas brasileiras, segue desconsiderada enquanto modalidade de ensino aos programas educacionais. Em compensação, e infelizmente, ela não está sozinha nesse desinteresse político, visto a realidade de boa parte das escolas públicas e do ensino no país.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o uso das tecnologias na Educação de Jovens e Adultos, percebemos que os desafios ainda são amplos e difíceis. Na medida em que nem mesmo a erradicação do analfabetismo é perceptível à sociedade, a erradicação do analfabetismo digital, ou até mesmo o uso das tecnologias durante as práticas de ensino, para uma ideia ainda mais distante.

Contudo, tal pensamento pode ser desconsiderado se lançarmos novos ângulos sobre essas problemáticas. Na verdade, para a erradicação do analfabetismo, hoje, os professores e instituições de ensino têm um forte aliado para combater esse mal: as tecnologias.

É justamente nas tecnologias, através de sua devida utilização, que pode estar um dos elementos que venham a combater o analfabetismo no Brasil. Com a devida formação e orientação aos professores, o acréscimo desses instrumentos – principalmente os mais utilizados, como a televisão, o computador, a internet, o celular – pode trazer mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem; são recursos que podem ajudar os jovens e adultos – e também as crianças – a sair da condição de “analfabetos”, inclusive de analfabetos “digitais”.

Com a produção de implementação de novas políticas públicas que insiram a Educação de Jovens e Adultos como condição indispensável não apenas à erradicação do analfabetismo, mas também à formação integral do ser humano, sujeito político, cultural e social, efetiva-se a expectativa de termos uma sociedade mais humana e cidadã.

Em uma sociedade onde muitos propagandeiam a “conexão sem fronteiras”, se faz necessário à educação agir sobre ela, de forma que venha a trazer mudanças sociais qualitativas. No entanto, as escolas precisam ter uma condição física adequada, espaços específicos para o uso dos recursos tecnológicos e os professores necessitam ter uma formação que integre os dois campos do saber (Educação de Adultos e Uso das Tecnologias) para que exerçam sua prática docente da forma mais crítica, criativa e coerente possível.

## REFERÊNCIAS

BARLETA, Ilma de Andrade; COSTA, Jesuíta Marinho da; COSTA, Kátia Patrícia Dias; FERREIRA; Leila Bello; GUIMARÃES, André Rodrigues. **Tecnologia como mediação**



**do processo de ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos.** Disponível em <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss08\\_04.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss08_04.pdf)> Acesso em fev. 2012

CHARLOT, B. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Rev Perspectiva**. Florianópolis: UFSC – Centro de Ciências da Educação, 20 (Especial), 2002, PP. 17-34.

DI PIERRO, Maria Cara. Educação de jovens e adultos na América Latina e Caribe: trajetória recente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 134, maio/ago. 2008.

DI PIERRO, Maria Cara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedex**, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, 31ª edição, SP, 2005.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. DUARTE, Rosalia. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. **Educ. Soc.**, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 769-789, out. 2008.

Naiff, L. A. M. e Naiff, D. G. M. Educação de jovens e adultos em uma análise psicossocial: representações e práticas sociais. **Psicologia & Sociedade**, 20 (3) p. 402-407, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar**, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Professores, tecnologias digitais e a distração concentrada. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 213-228, out./dez. Editora UFPR, 2011.